

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

A INFLUÊNCIA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NA POLÍTICA EXTERNA:
UMA ANÁLISE DA COPA DO MUNDO DE 2010 NA ÁFRICA DO SUL

Victor Ditzel Fazani

São Bernardo do Campo

2023

Victor Ditzel Fazani

A INFLUÊNCIA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NA POLÍTICA EXTERNA:
UMA ANÁLISE DA COPA DO MUNDO DE 2010 NA ÁFRICA DO SUL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de
Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC,
para obtenção do título de bacharel em Relações
Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Muryatan Santana Barbosa

São Bernardo do Campo

2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha família (Ricardo, Carmem e Isabella) por todo o suporte durante minha vida e por estarem presentes durante meu processo de crescimento e amadurecimento, seja ele profissional, acadêmico ou pessoal. Só me tornei a pessoa que sou hoje graças a vocês.

Agradeço à Ana, minha parceira de jornada, por toda companhia e apoio durante os momentos bons e os momentos ruins de toda essa trajetória. Tenho certeza de que sua presença me deu forças para continuar e me manter firme nestes anos que passamos juntos. As melhores coisas que vivi foram proporcionadas por você. Que este seja apenas o começo de nossa história.

Agradeço também aos meus amigos, Limeira, Mariah, Zero, Tani e tantos outros que passaram pela minha vida acadêmica. Por conta de vocês vivi alguns dos melhores anos de minha vida, tanto dentro como fora das salas de aula. Passamos por grandes experiências e desafios que levarei para a vida inteira, como a minha participação na Infanteria, que se tornou uma paixão, uma segunda casa, graças a vocês.

Por fim, agradeço ao meu orientador, Muryatan, por todas as ajudas, correções e puxões de orelha durante a realização deste presente documento. Seu suporte nesta fase final foi muito importante para minha jornada.

De coração, agradeço a todos que fizeram parte, seja de maneira breve ou duradoura, da minha trajetória na UFABC. Levarei para sempre todas as experiências vividas durante esses anos com muito carinho e amor!

RESUMO

Questões esportivas estiveram, por muito tempo, afastadas dos estudos específicos na área de Relações Internacionais. Porém a importância desta esfera cultural foi crescendo e sendo impulsionada pela globalização, trazendo uma integração maior entre os países através de megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo. Estes eventos passaram também a ganhar mais destaque no cenário político, dada sua força midiática e atrativa ao público, criando um canal de comunicação dos governos com sua população. Para os Estados em desenvolvimento durante o início do século XXI, como é o caso da África do Sul, a realização da Copa do Mundo de 2010 maximizou os contatos externos do país e reforçou o orgulho nacional. A partir do questionamento acerca da influência da Copa do Mundo no país, a compreensão sobre a inserção sul-africana no Sistema Internacional após 2010 é ponto focal para a conexão entre esportes e política externa, a partir da comparação entre o período do apartheid, marcado nesta área por boicotes aos esportes sul-africanos, e após o fim do regime segregacionista, agora com o país utilizando o evento para modificação de sua imagem no exterior e formação de novas relações intergovernamentais, especialmente no interior de seu continente.

Palavras-chave: Esporte, Copa do Mundo, política externa, África do Sul, diplomacia esportiva

ABSTRACT

Sports issues were, for a long time, away from specific studies in International Relations. However, the importance of this cultural sphere was growing and being driven by globalization, bringing greater integration between countries through mega sporting events, such as the World Cup. These events also began to gain more prominence on the political scene, given their media strength and attractiveness to the public, creating a communication channel between governments and their population. For developing states during the beginning of the 21st century, such as South Africa, hosting the 2010 World Cup maximized the country's external contacts and internal pride. Based on the question about the influence of the World Cup in the country, the understanding of South Africa's insertion in the International System after 2010 is a focal point for the connection between sports and foreign policy, based on the comparison between the period of apartheid, marked in this area due to boycotts of South African sports, and after the end of the segregationist regime, now with the country using the event to change its image abroad and form new intergovernmental relations, especially within its continent.

Key words: Sport, World Cup, external policy, South Africa, sport diplomacy

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

COI: Comitê Olímpico Internacional

CNA: Congresso Nacional Africano

FIFA: Federação Internacional de Futebol Associado

IDE: Investimento Direto Externo

ONG: Organização Não-Governamental

ONU: Organização das Nações Unidas

PN: Partido Nacional

SADC: Comunidade de Desenvolvimento da África Austral

UA: União Africana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA EXTERNA E ESPORTES	10
1.1 Teorias sobre o esporte nas RI.....	11
1.2 Motivações estatais acerca do esporte	13
1.3 Diplomacia esportiva e seus atores.....	15
2. ÁFRICA DO SUL: DO APARTHEID À NOVA POLÍTICA EXTERNA SUL- AFRICANA	18
2.1 Política externa e esportes durante o apartheid.....	18
2.2 Política externa da África do Sul pós-apartheid.....	22
2.3 Utilização do esporte na nova política governamental da África do Sul.....	24
3. A COPA DO MUNDO DE 2010 PARA A ÁFRICA DO SUL	26
3.1 Campanha para Copa do Mundo 2010	26
3.2 Impactos da Copa do Mundo na África do Sul	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Durante o século XX, análises acerca da influência do esporte nas relações exteriores e na política interna dos países não possuíam muito destaque, sendo deixadas de lado especialmente nos estudos teóricos realistas, os quais focam principalmente nas movimentações dos Estados nos âmbitos militares, econômicos e políticos. Porém, com o processo de globalização e a disseminação de meios de comunicação e mídia internacionais, passamos a verificar uma forte influência de movimentos culturais dentro do campo mundial, fatores que passaram a mobilizar populações, grupos e países ao redor do globo, em busca de objetivos que puderam ser transmitidos e propagados internacionalmente com as novas tecnologias. Filmes, músicas e séries passaram a servir como disseminadores de mensagens no sistema internacional, trazendo à tona para o público questões de diferenças culturais dentre as mais variadas, apresentando uma nova região ou país para as pessoas que nunca tiveram acesso. Também servem para escancarar problemas da sociedade e trazer conscientização sobre situações precárias em locais mais afastados ou escondidos da visão da população, função fortemente associada aos documentários. Além disso, os meios culturais também serviam para divulgação e promoção de um certo estilo de vida, de certos países e políticas internacionais, mirando no convencimento de que a mensagem transmitida pela arte carregava consigo o que era correto, o que era melhor.

O esporte pode servir para os mais diversos interesses nacionais e regionais. O poder de transmissão de mensagens destes eventos é muito grande, pois envolvem muitos Estados nacionais em torno de atividades apresentadas, divulgadas e comercializadas. O sentimento nacional tende a se exacerbar, muitas vezes deixando de lado discordâncias e problemas internos em busca de um objetivo em comum: vencer. Muitas vezes, trazem as disputas entre nações, estados e cidades para um nível simbólico, em que o embate ocorre dentro do campo ou das quadras. Por outro lado, o esporte permite o contato mais informal entre os países e seus líderes. Sob a ótica de Michael Shapiro, os “*discursos do esporte servem como estoque de sinais que permitem que a economia, a política e a guerra possam ter seu sentido figurado em termos de esporte*” (Suppo, p.17, 2012).

Podemos observar essa relação esportiva e política em diversos cenários, especialmente ao longo dos séculos XX e XXI, com as mais variadas consequências para os Estados ao redor do mundo. O objetivo deste presente trabalho é apontar as consequências do esporte e da realização de megaeventos esportivos na política externa

dos Estados, utilizando como análise a influência da Copa do Mundo de 2010 sobre a política externa da África do Sul.

A construção da redação, por meio de uma pesquisa explicativa, se baseia inicialmente na apresentação teórica da influência dos esportes no cenário internacional, nas motivações estatais em torno da utilização dos megaeventos esportivos na busca dos seus interesses nacionais, sejam eles visando o desenvolvimento interno ou a projeção externa, utilizando-se de diversos atores dentro da chamada diplomacia esportiva. Após a introdução do tema, o texto voltasse para a observação da utilização destes objetivos da política externa para analisar a influência do esporte durante o período do apartheid na África do Sul, tanto no que se refere as mobilizações de Estados e as ONGs do esporte na luta contra o regime segregacionista, quanto no seu contrário, em como as práticas esportivas - durante o apartheid - eram de suma importância dentro da construção da identidade da população branca.

A partir disso, as observações se voltam para o desenvolvimento da nova política externa sul-africana, mais participativa e democrática, pós-apartheid. Em busca de uma nova imagem no cenário mundial, a África do Sul utilizará o esporte para desenhar seus novos rumos dentro da comunidade global.

1. RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA EXTERNA E ESPORTES

Práticas esportivas passaram a ser politizadas pelos Estados-Nação de forma intencional no século XIX. Neste momento, porém, os principais objetivos com a utilização do esporte eram relacionados à promoção da identidade nacional no interior dos Estados. Além disso, a utilização do esporte para legitimação de um regime político/econômico também foi corrente. Na visão de Lincoln Allison (1986), todos os tipos de governos utilizaram as competições esportivas internacionais como um instrumento de sua afirmação nacional. Em particular, após a Primeira Guerra Mundial, que abre as portas para a internacionalização dos esportes, em decorrência dos avanços tecnológicos referentes à comunicação em massa.

Partindo deste momento, intensificam-se movimentações no interior dos Estados para a utilização dos esportes como uma ferramenta para sua política externa, tendo em vista o alcance que tais atividades passariam a ter no cenário internacional. Um fator que não pode ser deixado de lado ao analisar a importância dos eventos esportivos nas diretrizes da política externa (e interna) dos países é o poder de influência global que estes eventos passam a ter durante o século XX, em especial com as Olimpíadas de Verão, organizadas de maneira centralizada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), e com a Copa do Mundo, organizada pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA). Estes eventos atraem milhões de espectadores ao redor do planeta, trazendo consigo, dentre as mensagens principais, as ideias de união e integração entre as nações participantes. Da mesma maneira que podem servir às motivações internas dos Estados, como a legitimação de um governo ou sistema político, concomitantemente, elas podem servir como palco para a abertura ou expansão de relacionamentos intergovernamentais. O envolvimento global em megaeventos facilita o estabelecimento de novas vias de comunicação entre Estados e amplifica boas relações por meio de contatos mais informais, diferenciados das negociações em fóruns multilaterais e reuniões bilaterais.

Neste capítulo serão abordadas as teorias dentro das Relações Internacionais acerca da influência dos esportes na dimensão interestatal, que se conectam com as motivações específicas dos Estados antes, durante e após a realização de megaeventos esportivos, com a influência da Diplomacia Esportiva neste processo. Isso, sem deixar de lado os demais atores envolvidos neste processo, como as organizações esportivas, as empresas participantes da criação e desenvolvimento das atividades e a opinião pública, que exerce grande influência em cima da visão final acerca destas movimentações esportivas.

1.1 Teorias sobre o esporte nas RI

Apesar de não fazer parte do *mainstream* quando tratamos de assuntos no interior das Relações Internacionais, diversos autores da área apontaram a influência do esporte como fator relevante da política externa e interna de diversos países ao longo dos séculos XX e XXI. Em especial tratando-se dos megaeventos internacionais, que são vistos por estes como um dos aspectos culturais mais influentes no processo de globalização. Autores como Houlihan apontam que o esporte:

“É o fenômeno cultural mais importante do século XX, é um elemento no processo de globalização da cultura, é um recurso da política externa, e é a arena onde as relações internacionais têm lugar, oferece uma rica variedade de contextos para explorar o significado do esporte na política mundial” (Houlihan, 1994, p.52).

Como atividade intercultural, o esporte tem poder de influência para a transmissão de mensagens diplomáticas, assim como na promoção da identificação entre a nação e seus habitantes (KANIN, 1978). Afinal, o esporte envolve uma enorme gama de participantes indiretos, sobretudo os espectadores das partidas e jogos, sejam eles nacionais ou internacionais.

Na visão de Pierre Milza (1984), o poder do esporte no campo da política internacional se dá por conta de três dimensões essenciais: a) é componente e reflexo da vida internacional; b) é revelador do sentimento público; c) é parte da política externa, tanto no fortalecimento quanto na criação de uma imagem de prestígio de um país para seu povo e para o restante do mundo; além da possibilidade de aproximação entre países por meio de atividades fora do ambiente formal em que líderes mundiais estão acostumados a se encontrar e discutir assuntos políticos e econômicos.

A relevância dos esportes no mundo globalizado atual também deve levar em conta a influência de empresas privadas multinacionais envolvidas no processo da realização de megaeventos internacionais. A cooperação com atores não-estatais tem se tornado cada vez mais presente no ambiente esportivo, fortalecendo posições tanto de governos como de grandes corporações.

Barrie Houlihan traz uma visão do esporte a partir de três teorias gerais, o realismo, o pluralismo e o globalismo. No cerne da teoria realista, o esporte pode ser utilizado na política externa, conforme apontado por outros autores supracitados, como meio para reconhecimento da soberania nacional. Também atua, dentro desta perspectiva, como

uma maneira de diminuir tensões, evitar conflitos nas relações interestatais e de maneira geral melhorar a relação entre os Estados. Foi o caso da “diplomacia do ping-pong” em 1971, promovida por profissionais estadunidenses e chineses do tênis de mesa durante a realização da primeira visita dos EUA à China desde a conversão do país asiático ao regime comunista em 1949. Ao mesmo tempo, como apontado por diversos teóricos do esporte nas RI, pode-se utilizá-lo para fortalecer a identidade nacional de um país no âmbito interno e de auxiliar na hegemonia mundial das grandes potências no mundo globalizado atual, onde eventos esportivos de grande porte fazem parte de um pacote cultural a ser propagado e divulgado internacionalmente.

Abordando a influência do esporte na visão pluralista, podemos destacar, por exemplo, o papel de ONGs esportivas como FIFA e COI na política internacional e em suas relações com os Estados, em decorrência do poder que elas possuem em todo o processo de realização de um megaevento esportivo. Da mesma forma que a vasta multiplicidade de atores globais que participam da dinâmica esportiva, como a mídia, nacional e internacional.

Por fim, as teorias globalistas tendem a focar o esporte como meio de ação do imperialismo cultural, além do seu papel na economia política internacional, em particular por conta das grandes corporações envolvidas. Além disso, a exportação de talentos esportivos de países menores para os grandes centros mundiais aponta a forte influência do sistema capitalista global na atuação esportiva ao redor do mundo, uma vez que o poder econômico possui grande peso na também na concentração dos melhores esportistas nas regiões mais influentes do sistema internacional. A questão financeira tem se tornado cada vez mais forte no cenário esportivo que vivemos atualmente, tendo como exemplo o forte investimento realizado pelos países com alto poderio no campo energético, como a Arábia Saudita, nas ligas e campeonatos nacionais, se tornando um novo polo de aquisição de jogadores. Comentaristas e jornalistas esportivos europeus têm criticado fortemente essas movimentações, apontando a influência financeira sobre o esporte atual e o dano que isso pode causar a longo prazo para as ligas inglesas, espanholas e alemãs. No entanto, eles não analisam criticamente todo o histórico anterior dessas mesmas ligas na aquisição de jogadores sul-americanos e africanos. Ou seja, nas últimas décadas, a reprodução do capital passou a ser um ponto primordial de análise do desenvolvimento das atividades esportivas ao redor do globo.

Nesta pesquisa, o autor trabalhará com a abordagem pluralista citada, pois está destaca algo que nos interessa mais neste momento: a identificação da relevância das organizações esportivas (ONGs do esporte) dentro de todo o processo da promoção de

megaeventos em conjunto com os governos e na preocupação com o envolvimento das dinâmicas ligadas ao esporte nos processos políticos atuais (Houlihan, 1994). Os pontos das demais teorias indicadas por Houlihan, porém, também são importantes para identificarmos muitas das motivações internas dos países na mobilização internacional através do esporte e a atuação de mais atores globais quando abordamos a realização dos megaeventos esportivos.

Dentro de todos os fatores analisados durante essa sessão, podemos verificar a influência do esporte no cenário internacional e o poder de mobilização destas atividades, tendo em vista os diversos potenciais benefícios que podem ser obtidos por meio do sucesso na realização de megaeventos esportivos. Em decorrência deste poder de influência propagado por meio do esporte no mundo, fica clara a motivação por trás do envolvimento de mais Estados na realização, organização e participação em eventos internacionais do esporte.

As motivações estatais podem se apresentar de diversas maneiras, dependendo justamente do objetivo final a ser alcançado, seja pelo país-sede de um megaevento, pelos países de delegações visitantes e participantes de tais atividades.

1.2 Motivações estatais acerca do esporte

Dentre os principais objetivos estratégicos dos Estados para o uso dos esportes nas relações internacionais, já destacamos a criação de uma razão não-oficial para o encontro de líderes internacionais, utilizando-se de eventos esportivos para encontros mais informais e multilaterais, dada a magnitude destes e seu alcance entre as mais diversas nações e culturas espalhadas pelo globo. A solução entre conflitos diplomáticos bilaterais também está muito atrelada a este objetivo macro. Dentre as motivações majoritariamente internas dos países com o uso das modalidades esportivas, pode-se observar a motivação em torno da criação de uma identidade nacional em cima da paixão comum da população por determinado esporte ou pelas atividades esportivas de forma geral, trazendo à tona o ideal da constituição de nação para seu povo, servindo como alavanca para a legitimação interna de regimes políticos e financeiros, testando sua aceitação com a utilização de eventos que não estão intrinsecamente ligados à política internacional. Porém é possível identificar, com base em análises acerca da movimentação dos Estados em torno deste campo, diversas outras motivações e interesses dentro da área da política externa, que utilizam o esporte como “meio campo” para facilitar a chegada aos fins desejados.

Os esportes podem ser utilizados, no tocante da autodeterminação e da soberania estatal, para fornecer legitimidade a um país frente ao cenário internacional. Atualmente, a FIFA possui um número maior de federações afiliadas do que a ONU possui de países membros. Participações em tais eventos abrem os olhos da opinião pública e podem fortalecer as reivindicações internas de novas nações, como também podemos observar atualmente com a Palestina, envolvida no âmbito esportivo como participante dos Jogos Olímpicos, reconhecido pelo COI, sendo representada ainda por clubes no interior de ligas nacionais, como é o caso do Club Deportivo Palestino, do Chile.

Além dos objetivos já apontados anteriormente, a realização de megaeventos esportivos pode auxiliar na modificação de legislações nacionais e internacionais e proporcionar um cenário para a criação de novos acordos comerciais entre os mais diversos países envolvidos na realização e participação do torneio. A influência de organizações como a FIFA e o COI resulta em modificações internas nos países sede para adequação ao recebimento dos jogos, como podemos observar ao analisar a criação de novos acordos internacionais entre Japão e Coreia do Sul ao co-sediar a Copa do Mundo de 2002. Fóruns internacionais com intermédio das organizações esportivas passaram a ser realizados no período e fortaleceram a relação entre os países, estremecida pelo histórico conflituoso entre os Estados no cenário internacional. Heere aponta que as relações políticas entre Japão e Coreia do Sul se fortaleceram por meio da organização conjunta do evento, com base em dados disponibilizados pelo governo coreano em 2004 (Heere, 2012). A realização de megaeventos também fortalece a criação de novos acordos internacionais e trocas comerciais ao demonstrar que o país sede está “aberto à negócios”, de acordo com a visão de Rose e Spiegel, que apontam o crescimento de negociações diplomáticas em âmbitos políticos e econômicos para países atuantes na realização das competições em seu território.

Muitas motivações relacionadas à utilização do esporte no campo diplomático estão conectadas com a ideia de alteração da visão internacional sobre um país. A abertura para sediar um evento mundial, que permita a entrada de diversos países em seu território pode ser utilizada para quebrar esteriótipos e opiniões negativas, principalmente na relação com a mídia internacional, ator relevante no cenário mundial devido ao ser poder de influência sobre a opinião pública. A ideia de levar ao público uma visão diferenciada sobre sua nação por meio do contato com o país e sua cultura pode ter peso fundamental na abertura nacional para novas relações diplomáticas. Estratégias para se tornar sede de megaeventos esportivos devem ser cuidadosamente planejadas ao se pensar os possíveis impactos internacionais que a apresentação de seu país para o mundo podem ter, uma vez

que a exposição de seu povo, sua cultura e suas dinâmicas internas podem ter efeitos positivos ou negativos, especialmente ao adentrar em pontos mais específicos do cenário interno dos países, como pudemos visualizar na Copa do Mundo de 2022, que escancarou ao mundo de maneira mais explícita os diversos problemas da sociedade catari, fortemente permeada pela perseguição aos membros da comunidade LGBTQIA+, além da clara exploração dos trabalhadores durante o período de obras e construção dos estádios para a realização do evento.

Esportes podem auxiliar como ponte entre dois ou mais Estados culturalmente diferentes. A realização de eventos esportivos de grande porte une atletas, torcedores e organizações estatais e internacionais em torno de um ponto focal, que fortalece a identificação entre pessoas dos mais diversos locais do mundo em torno de uma partida ou competição. Times, seleções e atletas podem ter papel importante na quebra de barreiras culturais, tornando-se representantes de objetivos maiores do que inicialmente estavam propostos a realizar, podendo atuar de maneira direta ou indireta nessa relação. A atuação destas figuras esportivas, principalmente quando falamos sobre os atletas em si, pode ser utilizada na promoção e desenvolvimento de melhores relações exteriores entre países. Os embaixadores do esporte, em decorrência de seu status privilegiado perante a sociedade e que em grande parte carrega uma imagem positiva trazida por seus feitos no campo esportivo, conseguem atuar de maneira interna e externa para a promoção de objetivos internacionais, como a integração entre nações e a inclusão. Na visão de Trunkos e Heere, os embaixadores “oferecem um rosto amigável e positivo para uma nação” (Trunkos, Heere, p.11; 2017), atuando na arena diplomática de maneira mais espontânea do que é permitido pela diplomacia tradicional. Abaixo discutiremos mais a fundo esta atuação diplomática por meio do esporte, apontando os principais atores que movimentam a dinâmica global em torno do tema.

1.3 Diplomacia esportiva e seus atores

Como meio para atingir seus objetivos através do esporte, governos de múltiplos Estados empregam pessoas envolvidas no âmbito esportivo, como atletas, treinadores e personalidades influentes no cenário internacional, para transmitir suas mensagens diplomáticas. Estas atividades se encontram no interior da diplomacia pública, utilizando novas maneiras e parceiros não-convencionais para realizar o trabalho de disseminação das ideias e movimentações estatais. Com o surgimento de novos atores internacionais no espectro da diplomacia tradicional, como as ONGs esportivas e grandes corporações

transnacionais, foram necessárias movimentações que englobassem essa nova gama de instituições de alta influência na vida internacional.

Conforme já apontado anteriormente, a utilização de eventos esportivos para a promoção da política externa de uma nação auxilia na movimentação de Estados para além de suas posições mais rígidas no campo diplomático, fornecendo diferentes caminhos na construção e fortalecimento das relações exteriores. Permite, por exemplo, que nações com menos influência no cenário internacional possam ter voz e construam novos vínculos, sejam estes com a própria população, por meio da coesão nacional em torno de um objetivo comum, ou com as demais nações. Pensando na posição de um país como sede de um evento de grande porte no cenário global, fica ainda mais evidente a influência esportiva na política externa, uma vez que a atenção e os esforços de investimentos internacionais são ainda mais significativos, contando com o auxílio e a mediação dos grandes atores do cenário esportivo mundial.

As “ONGs do esporte” tais como a FIFA e o Comitê Olímpico Internacional (COI), descritas com esta nomenclatura pelos autores Byron Peacock e David Black (2013), possuem respeito da comunidade internacional, principalmente por conta de sua grande lucratividade proporcionada pelos megaeventos que organizam.

Além das organizações esportivas propriamente ditas, temos dentro do cenário internacional a presença de outros poderosos atores, que passaram a se vincular aos eventos esportivos em decorrência de sua visibilidade e lucratividade, como as corporações multinacionais, que se apropriam da imagem dos jogos e da integração internacional em seu benefício próprio (Black; Peacock, 2013). A mercantilização trouxe para o mundo esportivo e para as principais ONGs novos papéis e atividades que anteriormente não estavam associadas ao seu escopo original, à organização do evento em si. A multiplicidade de novos atores inclui também ONGs de outros setores, como dos direitos humanos e de organizações ambientais. Por mais que as organizações do esporte continuem a destinar seus esforços diplomáticos nas relações com os Estados, o peso da multiplicidade de novos atores no sistema não pode ser ignorado.

Houlihan (1994) estabelece algumas tipologias a partir dos envolvidos que exercem influência no desenvolvimento do esporte e de suas consequências no âmbito global, como finanças, pessoas, conhecimento e cultura. Aqui, os atores estão divididos em três grupos macro: a) governos e organizações governamentais transnacionais; b) grandes organizações não-governamentais formais; c) atores informais/pessoais/organizações locais.

Para a África do Sul, a influência dos esportes tem um peso muito diferente, quando observamos as políticas internas e externas do país em diferentes períodos. Como apontaremos no decorrer dos próximos capítulos, o país foco deste trabalho sofreu fortemente com sanções e boicotes durante o período do apartheid, fatores que contribuíram para o isolamento sul-africano frente aos demais países do globo. Em outro momento, no período de redemocratização africano após o regime segregacionista, o país utilizará os esportes visando uma nova posição no cenário internacional.

2. ÁFRICA DO SUL: DO APARTHEID À NOVA POLÍTICA EXTERNA SUL-ÁFRICANA

Durante a discussão inicial deste trabalho, foi possível observar, a partir das análises teóricas, as diversas motivações que levam os Estados a investirem no desenvolvimento das atividades esportivas em seu território e a atraírem os megaeventos esportivos, visando atingir determinados objetivos tanto internos como externos. A utilização do esporte pode se direcionar para a busca de reconhecimento internacional, assim como na construção de uma nova imagem, para o fortalecimento ou construção de relações multilaterais e bilaterais, promovendo a diplomacia estatal por meio de formas não convencionais. Este processo envolve a participação de diversos atores dentro do cenário político, econômico e esportivo, influenciando a realização do evento nas mais diversas camadas estatais e da sociedade, como podemos visualizar a partir da diplomacia esportiva.

Como podemos encaixar todas estas movimentações na história da África do Sul e sua relação com o esporte internacional? É possível observar, ao longo da história sul-africana, dois grandes momentos de influência do esporte na política externa e interna do país. No decorrer dos próximos capítulos os dois momentos serão abordados, trazendo uma análise sobre a importância do esporte na política desta nação africana.

2.1 Política externa e esportes durante o apartheid

Inicialmente, para tratar das relações do esporte com a África do Sul durante grande parte do século XX, é importante compreender a história do país desde o período da colonização, que deixou diversas marcas nas dinâmicas sociais internas da nação. A Companhia Holandesa das Índias Orientais é responsável pelo estabelecimento inicial de bases europeias no território atual do país africano, formando na região a primeira colônia de povoamento no Cabo da Boa Esperança. (RIZZI, SCHUTZ, 2014). Durante o século XVII, esta chegada dos bôeres ou africânderes, nomenclaturas dadas aos descendentes holandeses que desembarcaram na região e tornaram-se camponeses pastores, dá início a um novo padrão social e cultural, que se dissocia tanto do europeu como do africano nativo. Neste momento há o surgimento de um forte nacionalismo, baseado na diferenciação da população da região e pautado no conceito de superioridade racial (REIS, TEIXEIRA, 2017), fortemente difundido no período pelos europeus e disseminado globalmente por eles.

A colonização britânica da região inicia-se de maneira mais forte no século XIX, após eles tomarem o controle do Cabo da Boa Esperança, em disputas territoriais com os bôeres. Isso fez com que o nacionalismo destes ficasse ainda mais forte. O estabelecimento do domínio inglês de fato se dá a partir do ano de 1910, a partir das províncias de Cabo e Natal. Enquanto isso os descendentes dos holandeses mantiveram o controle sobre as regiões de Orange (Estado de Orange) e Transvaal (República do Transvaal e posteriormente República Sul-Africana). Neste momento, com a união da colonização britânica com os princípios segregacionistas trazidos para a região pelos holandeses, há o início da construção de um Estado racista, ligado fortemente ao regime de exploração da população e dos recursos naturais da região, em especial na extração de ouro e diamantes. As movimentações políticas no território criaram novas leis que tornaram legais e aumentavam ainda mais a segregação racial no país, como o Native Land Act de 1913, que limitava a propriedade de terras aos negros a apenas 7% do território sul-africano, criando as bases para o que se transformaria, durante o Apartheid, nos bantustões (ou *homelands*) (RIZZI, SCHUTZ, 2014).

Neste momento podemos observar a emergência de grupos de oposição ao domínio britânico, como o Congresso Nacional Africano (CNA), liderado por Nelson Mandela, e o Partido Nacional (PN), presidido pelos bôeres, ambos com o objetivo de afastar a Grã-Bretanha do controle da região. Os últimos, como vimos, dividiram o poder da região com os britânicos, porém chegam ao poder político do país em sua totalidade em 1948. Com a ascensão ao domínio completo das regiões da África do Sul, o projeto nacionalista dos bôeres se amplia, iniciando então o regime do Apartheid no território, agora institucionalizado pelo poder jurídico. São criadas leis segregacionistas no país, como o Certificado de Identidade Racial, classificando os cidadãos entre brancos, mestiços e africanos, a proibição do casamento interracial e a consolidação oficial das regiões destinadas a cada raça, os *homelands* já apontados anteriormente. Estas divisões territoriais fizeram parte do projeto econômico do país durante o regime segregacionista, uma vez que nas áreas destinadas para a população negra não havia nenhum suporte governamental no que diz respeito ao oferecimento de serviços públicos, obrigando os habitantes destes locais a saírem e trabalharem nas minas, em fábricas e cidades nas regiões destinadas aos brancos (REIS, TEIXEIRA, 2017).

Como não podia deixar de ser, o campo esportivo foi fortemente influenciado pelo regime do apartheid, reproduzindo a divisão racial dentro da sociedade sul-africana. O exemplo maior é o *rugby*, principal esporte nacional, que contava com times diferentes para os brancos e para o restante da população, sendo a seleção nacional representada

apenas pelos primeiros. O *rugby* passou a ser, no cerne do pensamento racista da época, “o esporte escolhido para a povo escolhido” (LAVERTY, p. 7, 2010) e tornou-se ponto vital na construção da identidade do homem branco sul-africano. Segundo Alex Laverty, o *rugby* era o esporte destinado aos brancos enquanto o futebol era o esporte praticado pela população negra do país (LAVERTY, 2010). Na visão de Cornelissen, é possível dizer que “*o desenvolvimento de organizações esportivas paralelas constituídas brancos, negros, mestiços e indianos não apenas se assemelhava às divisões sociais construídas dentro da sociedade sul-africana, como talvez ajudasse a consolidá-la*” (CORNELISSEN, 2008, p. 487).

Durante o governo segregacionista, diversos problemas políticos entre a base governamental do Partido Nacional e os movimentos antiapartheid se transmitiram para dentro dos campos e quadras esportivos, servindo como base, por um lado, para reivindicação dos direitos da população, especialmente para a população negra que organizou suas próprias confederações esportivas, e por outro, auxiliando na manutenção do poder pelo PN. Para a população oprimida, o esporte passava a ser “*o último refúgio para a realização de eventos para a população marginalizada durante o apartheid*” (LAVERTY, p. 7, 2010).

A política externa do regime, em seus primórdios, priorizava a política de defesa do apartheid perante o sistema internacional, mantendo bom relacionamento com os britânicos e os EUA, na medida em que se colocava como parceiros destes na luta contra o comunismo e a influência deste nos movimentos de descolonização na África Austral.

Esta situação confortável, porém, começa a se alterar internacionalmente para os sul-africanos, tendo em vista os movimentos de emancipação no continente africano entre os anos 1950 e 1970, a participação da ONU e outras instituições internacionais no combate ao regime e as fortes pressões internas por mudança. Possuindo a primazia militar e econômica dentro do continente africano, a África do Sul manteve-se autônoma, mas foi se tornando cada vez mais isolada do ponto de vista político e diplomático.

Na esfera internacional, é possível observar o impacto da ONU e outras organizações no combate ao regime. O Conselho de Segurança aprovou, por exemplo, uma proibição na venda de armas para o país, e a Assembleia Geral criou um comitê especial para o combate ao apartheid. Uma “rede de ativismo transnacional de direitos humanos” surgiu para lutar e auxiliar a população negra sul-africana. A nação foi gradativamente sendo excluída e expulsa das demais organizações internacionais e regionais, incluindo as organizações econômicas, sociais e esportivas. Foram banidos de

participar dos Jogos Olímpicos em 1964, suspensos da FIFA em 1961 e expulsos em 1976 (LAVERTY, 2010).

Os boicotes à África do Sul promovidos por estas grandes organizações esportivas não tiveram grande impacto inicialmente, uma vez que o esporte mais representativo para o regime era o *rugby*, conforme apontado anteriormente. Por conta disso, as movimentações que tiveram maior peso dentro do campo esportivo foram os protestos antiapartheid em jogos de *rugby* na Inglaterra e na Nova Zelândia, dois parceiros esportivos tradicionais do país. A oficialização do isolamento sul-africano nos esportes foi firmada pelos líderes da *Commonwealth* em 1977, por meio do *Gleneagles Agreement*, que cessava todo e qualquer contato esportivo com o país. Para Andreia Soares e Castro, é um exemplo de como o esporte foi utilizado na luta contra o apartheid para legitimar os movimentos políticos negros do país e promover o fim do regime (CASTRO, 2013).

Além da crise externa, os levantes populares passaram a se tornar mais frequentes. O governo, frente à todas as tensões que encarava, passou a ser mais reativo e violento, principalmente após a declaração do Estado de Emergência. A África do Sul passa então a sofrer com problemas mais profundos em todos os campos, sejam eles sociais e políticos, como citados acima, como no campo econômico, que a partir dos anos 1980 começa a ter dificuldades por conta da baixa nos preços das matérias primas e pelos gastos militares e de segurança. Além disso, neste período também foram impostas as diversas sanções internacionais, que dificultaram a manutenção do governo racista e segregacionista no comando do país.

Frente ao enfraquecimento do regime, tanto interna como externamente, vemos na década de 1990 o início do desmantelamento do apartheid, quando da presidência de Frederick de Klerk. Visando amenizar a opinião internacional, o presidente decreta o fim do Estado de Emergência, legaliza partidos da oposição, libertando presos políticos como Nelson Mandela, e abole as leis de segregação racial. Com a legalização do CNA, temos em 1994 as primeiras eleições abertas aos negros, mestiços e indianos do país, que consagram a eleição de Nelson Mandela como presidente da África do Sul.

Com a chegada do novo governo, o esporte passa a ter uma nova função na política do país, tanto no interior quanto na sua projeção externa. Trata-se de construir uma nova identidade e imagem. Para isto, o país focou-se na realização de eventos esportivos internacionais, como o Mundial de Rugby em 1995 e a Copa Africana de Nações em 1996. A realização destes eventos em seu território, assim como a participação na formulação e desenvolvimento de megaeventos esportivos em outros locais do continente, como na realização da Copa Africana de Nações no Mali em 2002, abriu-se as portas para que o

país se candidatasse oficialmente para a organização da Copa do Mundo de Futebol. A primeira campanha para o evento foi realizada com o objetivo de sediar o campeonato de 2006, porém esta não obteve o sucesso esperado e foi superada pela campanha da Alemanha. Contudo, tal movimentação garantiu maior visibilidade ao país, que enfim obteve sucesso com sua campanha para o evento no ano de 2010. Como veremos a seguir, o esporte teve um peso importante na nova política externa sul-africana, em busca de um novo status frente à comunidade internacional.

2.2 Política externa da África do Sul pós-apartheid

Dentro das estratégias para a política externa da África do Sul no final do século XX e início do século XXI, as principais giravam em torno da reintegração do país ao sistema internacional após o apartheid, buscando modificar a visão de outras nações e retomar relacionamentos construtivos de cooperação, em especial com os países africanos. De acordo com a visão do Departamento de Relações Externas Sul-Africano, “*a comunidade internacional espera que a África do Sul assuma um importante papel dentro de algumas organizações, e há a percepção de que o país possui o poder, a capacidade e o prestígio necessários para cumprir este papel*” (Tradução Livre, CASTRO, p. 200, 2014). Para que estas movimentações pudessem se concretizar, era necessária uma rápida movimentação por parte dos governantes sul-africanos para que se retomasse a credibilidade do país frente à comunidade global, auxiliando no reconhecimento e na legitimidade do novo governo sul-africano.

Visando atingir esses objetivos, o país modifica suas diretrizes da política externa, voltando-se para a busca por segurança, autonomia, bem-estar, status e prestígio, defendendo também princípios como a defesa dos direitos humanos, a democracia, o direito internacional, a coexistência e a resolução pacífica de conflitos. O Estado sul-africano passa a dar muito destaque à cooperação internacional em suas relações exteriores, buscando a readmissão às grandes organizações internacionais como a *Commonwealth*, a ONU, a União Africana e o Movimento dos Não-Alinhados, além da participação nas organizações regionais, como a SADC (*Southern Africa Development Community*). Voltando-se para o continente africano, a África do Sul realizou encontros bilaterais e multilaterais com o lema de “construir uma África melhor”: mobilizando uma quantia significativa de recursos visando o despertar socioeconômico do continente, a paz, a reconstrução pós conflito e o desenvolvimento. Além destas, buscou reforçar a

cooperação Sul-Sul, que “*identificou os países do Sul em desenvolvimento, como prioridade sul-africana, compatibilizando o continente africano com os novos parceiros político-econômicos no sistema mundial*” (RIZZI, SCHUTZ, p. 188, 2014).

O governo Mandela amplia a cooperação financeira e técnica com a Europa e os EUA, fortalece as relações com China, Japão, Hong Kong, Filipinas e Malásia e foca também em uma reaproximação com Líbia, Sudão e Cuba. Todas as movimentações diplomáticas do país neste período apontam para os objetivos de reinserção no sistema internacional, de maneira multilateral e autônoma.

O governo seguinte, de Thabo Mbeki, presidente sul-africano entre os anos de 1999 e 2008, manteve a linha do anterior, fortalecendo as relações de cooperação Sul-Sul e atuando de maneira conjunta com os países asiáticos e sul-americanos, especificamente com o MERCOSUL. O país tem ali seus melhores índices de desenvolvimento econômico do século XXI.

A Agenda Africana se reforça dentro da política externa, em especial por sua participação na SADC e na União Africana. A atuação, dentro deste âmbito, deriva-se da ideia do Renascimento Africano, que reconhece os efeitos do colonialismo, mas trabalha pela modernização.

Por fim, a política externa de Jacob Zuma, sucessor de Mbeki, não apresenta grandes modificações da ação externa sul-africana, visando, de acordo com Kamilla Rizzi e Nathaly Xaviel:

- 1) “Preencher a lacuna entre política interna e externa, ou os chamados interesses nacionais; 2) Promover a integração da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral; 3) Priorizar o continente africano através do Avanço Africano; 4) Fortalecer as relações Sul-Sul; Melhorar as relações estratégicas com o Norte; 5) Reforçar as relações políticas e econômicas; e 6) Participar do sistema global de governança”. (RIZZI, SCHUTZ, p.191, 2014)

Durante o mandato de Zuma, há a consolidação da liderança do país frente ao continente no interior das organizações e fóruns internacionais, mantendo a construção do bom relacionamento e da cooperação com os países do Sul, a partir da chamada “Estratégia Borboleta”, que visou fortalecer ainda mais as trocas com países asiáticos e latino-americanos, como China e Brasil.

Dentre todos os governos sul-africanos do período pós apartheid até a realização da Copa do Mundo, é possível uma continuidade no que tange a formulação da política

externa do país, com objetivos claros voltados à atuação conjunta com países em desenvolvimento ao redor do globo e na reconstrução do relacionamento com os demais países africanos, buscando fortalecer a integração do continente e representar o mesmo nas conferências, fóruns e organizações internacionais. Para que estes objetivos fossem atingidos pelos governos de Mandela, Mbeki e Zuma, a modificação da imagem negativa do país era necessária, e a África do Sul utilizou-se destas novas estratégias para transformar-se em um país parceiro e colaborativo do sistema internacional. Estas movimentações em busca de uma nova imagem passam pelo esporte e pela utilização da diplomacia esportiva.

2.3 Utilização do esporte na nova política governamental da África do Sul

Um dos maiores exemplos do poder do esporte para a África do Sul foi a realização do Mundial de Rugby em 1995, evento que representa um marco na quebra oficial da segregação racial no país. Neste torneio, que terminou com vitória da África do Sul sobre a seleção da Nova Zelândia, a seleção do país sede, chamada pelos torcedores de *Springboks*, teve sua imagem internacional renovada, incluindo em seu elenco jogadores negros e brancos pela primeira vez. Como aponta o jornalista Jermaine Craig, “a Copa de 1995 não era sobre um time. Era uma história sobre nós, negros e brancos, torcendo para a seleção que representava a África do Sul. Pela primeira vez, estávamos lado a lado” (CRAIG, 1995). A africanização do time foi uma estratégia governamental para apresentar a nova África do Sul ao mundo, onde os africanos eram oficialmente parte da nação (LAVERTY, 2010).

O esporte foi utilizado, neste momento, como uma forte ferramenta para a reunificação da nação, mobilizando todos, sejam jogadores, organizadores do evento e torcedores, em prol de um objetivo em comum, alcançado aqui de maneira surpreendente na conquista do título. Seu impacto vai para além do jogo em si, uma vez que permitiu a reconstrução do diálogo entre a população da África do Sul. Para o público externo, tanto espectadores como representantes oficiais dos países, atingiram-se também os objetivos iniciais para alteração da imagem nacional no sistema internacional, com a transmissão das imagens de união, representadas pela seleção e pelo presidente recém-eleito Nelson Mandela durante a comemoração da vitória.

Realizar o Mundial de Rugby, além de diversos outros eventos que o sucederam, como a Copa Africana de Nações em 1996, fortaleceu a possibilidade de sediar mais

eventos esportivos no futuro, tendo em vista o sucesso na realização destes megaeventos. A formulação da campanha para a Copa do Mundo de Futebol começa a tomar forma, inicialmente visando a realização do mundial de 2006. A partir de imagens um tanto estereotípicas da natureza africana e da utilização da retórica panafricana, o país se apresenta como o representante do continente para a realização do primeiro mundial de futebol na África. Esta primeira campanha, porém, é superada pela Alemanha, gerando inclusive revolta por parte dos líderes sul-africanos. Mbeki, presidente à época, pontua que *“a verdade é que não se sabe quando os europeus vão aceitar que a África é parte de uma família global e não algo irrelevante no mundo”* (MBEKI, 2004). Apesar do fracasso desta campanha, o projeto fortaleceu a posição internacional da África do Sul, servindo de pontapé inicial para a campanha seguinte, que teve seu lançamento oficial no ano de 2004.

3. A COPA DO MUNDO DE 2010 PARA A ÁFRICA DO SUL

Na nova África do Sul, é evidente a utilização do esporte como ferramenta diplomática, tanto no âmbito interno como externo. Johnny Moloto, líder sul-africano na embaixada do país nos Estados Unidos, aponta que:

“À nível doméstico sempre entendemos que o esporte pode ser uma alavanca para se alcançar a reconciliação, o desenvolvimento econômico e a coesão social. Vindo de um passado tão terrível como o nosso, o poder de transformação e integração do esporte é uma ferramenta efetiva para reconciliar uma nação que possui uma história caracterizada pela segregação racial e discriminação” (Tradução Livre, MOLOTO, 2010).

Na visão de Andreia Soares e Castro, os esportes passaram a ser visualizados como um ponto central da diplomacia cultural do país, especialmente quando se trata de sua relação com os demais países do continente. Como apresentado, a diplomacia esportiva, ramificação da diplomacia cultural, permite a realização de movimentações em torno de interesses particulares de maneira menos rígida do que a diplomacia tradicional, uma vez que promove e facilita trocas entre nações, especialmente quando tratamos de eventos internacionais, e fortalece o sentimento nacional internamente.

3.1 Campanha para Copa do Mundo 2010

Mesmo com o fracasso da campanha anterior, a África do Sul conseguiu colher frutos positivos, como uma maior visibilidade internacional. Alguns outros fatores colaboraram com a movimentação subsequente, como a imposição de um sistema de rodízio de continentes pela FIFA (MARCHI, 2014). Tal sistema de rodízio foi instaurado no desejo de expansão dos mercados de consumo para a maior federação do futebol mundial, através do “complexo global esporte-mídia-turismo”, assim como de suas grandes empresas associadas.

Dentro deste contexto, a África do Sul reaparece como forte candidata a sediar o evento, uma vez que o país passa a ser considerado, dentro do continente, como uma nova e estável democracia, e com recursos suficientes para sediar um evento de tal porte, apresentando taxas anuais de crescimento econômico de aproximadamente 5,4% entre os anos de 2005 e 2007 (da SILVA, 2016).

A defesa interna desta campanha, proveniente da mídia nacional, visava atrair o interesse da população, dizendo que, além do benefício à África do Sul, pretendia-se “transcender as fronteiras do país para beneficiar o continente africano como um todo”,

utilizando-se de conceitos do panafricanismo, da unidade africana e da liberdade para a promoção das melhorias a serem obtidas a partir do evento. Em decorrência disso, a campanha focou-se na Copa do Mundo Africana, não apenas da África do Sul, apontando para a reemergência do continente no cenário internacional.

Durante a construção da campanha para sediar o evento, a alteração na percepção sobre a África passava pelo desafio de reverter o estereótipo de um continente marginalizado e pobre. Uma saída para isto foi a utilização de personalidades esportivas do continente para a realização da campanha e promoção do evento, como é o caso dos jogadores Samuel Eto'o, futebolista camaronês, e Emmanuel Adebayor, atleta do Togo, representando a união africana e a nova imagem que a África do Sul planejava disseminar.

Outro importante ponto durante a realização da campanha que se conecta com os pontos acima são os “legados” que a Copa do Mundo deixaria ao país e ao continente, como a melhoria do sistema de transporte e o aumento no turismo internacional, mesmo após a realização do campeonato. O legado foi vendido para todos os habitantes, focando justamente nos benefícios para o futuro do país e do continente.

Tratando da ótica da promoção do evento para todo o continente, a África do Sul tomou iniciativas como o Programa Legado Africano de 2010, visando ampliar a participação dos outros países no evento, especialmente nas áreas de segurança, integração e turismo. Mbeki aponta o desejo de “*realizar um evento que irá enviar ondas de confiança e criará oportunidades sociais e econômicas por toda África*” (MBEKI, 2010). Como aponta Scarlett Cornelissen, a venda deste legado positivo visava também engajar as grandes empresas no evento.

A campanha, apesar de promovida de maneira positiva pelo governo africano, UA e mídia regional, além do posterior apoio e divulgação da FIFA após a escolha da sede, passou por algumas dificuldades, como a cobertura negativa e os estereótipos racistas, que duvidavam da capacidade africana para realizar a Copa do Mundo. Algumas das preocupações giravam em torno da alta taxa de criminalidade na África do Sul, assim como o ritmo lento das mudanças na infraestrutura e na construção dos estádios após a escolha da sede. Apontava-se o país como potencialmente inseguro para o evento. A realocação de pessoas desabrigadas e os gastos excessivos para o desenvolvimento dos projetos estruturais também aparecem nas críticas durante o período anterior ao evento. Forte tema foram os gastos financeiros realizados pela África do Sul, que chamaram também a atenção dos críticos. Existem registros que informam um gasto de 7,3 bilhões de dólares acima das expectativas iniciais, que apontavam investimentos de 330 milhões para a construção dos estádios e nos projetos de infraestrutura, como transporte e

fornecimento de energia (MARCHI, 2014). Em seu documentário Fahrenheit 2010, Craig Tanner traz questões críticas acerca da alocação de recursos que deveriam ser destinados ao combate à pobreza, tendo em vista o forte impacto do ainda recente fim do apartheid, onde apenas uma minoria havia sido abarcada pelos benefícios sociais e econômicos que eram esperados após o fim do regime segregacionista no país (DOWSE, 2011).

Estas visões foram fortemente apontadas pela mídia internacional, enquanto os organizadores focavam-se na divulgação dos pontos positivos para o povo africano antes, durante e após a realização do torneio.

Apesar dos problemas, todo o processo foi considerado bem-sucedido e, de acordo com Andreia Soares e Castro, demonstrou “*a eficácia da liderança sul-africana, tanto domesticamente como regionalmente, sua crescente confiança como nação e sua emergência como uma economia de modernização rápida e influência internacional*” (Tradução Livre, CASTRO, p. 205, 2014).

3.2 Impactos da Copa do Mundo na África do Sul

Dentro de todas as estratégias adotadas pela África do Sul durante o período que antecedeu a realização do mundial de futebol de 2010, as que mais chamam a atenção fazem referência aos benefícios que poderiam ser obtidos pelo país, seja em referência aos benefícios para a infraestrutura sul-africana, com a construção de novos centros de treinamento e estádios no território, seja nas melhorias realizadas nos sistemas de transporte. Por outro lado, vê-se a reinvenção da sua imagem pós-apartheid, visando a construção de uma nova identidade nacional para dentro e para fora.

Os relatórios oficiais tanto da FIFA, como do país sede, apresentam a realização da Copa do Mundo de 2010 na África do Sul como um sucesso. Na visão de Suzanne Dowse, a nação obteve o reconhecimento por entregar um evento da mais alta qualidade, dentro dos padrões esperados e em tempo para a realização no período programado (DOWSE, 2011). Em termos de impactos econômicos, o evento trouxe, na visão do presidente Jacob Zuma, retornos saudáveis de 33 bilhões de ZAR gastos em infraestrutura, telecomunicações e estadia, além de ganhos notáveis na indústria do varejo (DOWSE, 2011).

Dentre as principais métricas tangíveis para a determinação do sucesso na realização do evento, podemos observar os ganhos nas áreas do turismo, do Investimento Direto Estrangeiro (IDE) e na atração de estudantes estrangeiros para a África do Sul. Para Rodrigo Quintas da Silva, que traz uma análise quantitativa sobre os lucros do evento

para o país, o turismo foi o grande vencedor da Copa do Mundo, uma vez que o número de turistas aumentou de maneira exponencial ao longo dos anos. Este campo já apresentava desenvolvimentos anteriormente à realização do torneio, com marcos no fim do período do apartheid e após a confirmação da realização do evento no país, porém seguiu crescendo mesmo com o fim do megaevento.

Fator importante, ainda dentro desta questão, gira em torno da percepção destes estrangeiros que optaram pela África do Sul como seu destino, especialmente durante a Copa. A partir da pesquisa realizada por Bob and Potgieter em 2013, os visitantes responderam que a África do Sul era uma ótima localidade para se passar as férias, seja pela beleza das cidades, pela hospitalidade e pela qualidade do serviço fornecido, com a maioria dos entrevistados apontado o desejo de retornar ao país no futuro. Uma das preocupações da mídia internacional abordava a questão da alta criminalidade, que não transpareceu nas percepções dos turistas. Porém é importante notar, apesar do sucesso, que o montante adquirido a partir do turismo não trouxe o aumento esperado pelo Ministério do Turismo nas receitas.

Sobre os estudantes estrangeiros, ponto que se conecta com a atração do turismo durante a Copa do Mundo, é possível identificar um aumento na procura pela África do Sul como um destino para os estudos, porém o maior salto em termos de crescimento percentual de estudantes se dá previamente ao evento, nos anos iniciais do novo governo pós-apartheid. Em 2005, o país já contava com mais de 52 mil estudantes estrangeiros e apontava este crescimento exponencial, tendo em vista que em 1994 apenas 12 mil frequentavam as universidades e centros acadêmicos sul-africanos. Até 2013, porém, o número cresceu em pouco mais de 20 mil alunos provenientes de outros países. (Project Atlas South Africa, 2015).

Em termos de IDE, o recebimento do evento fortaleceu a economia do país. Porém, a partir do final do evento, estes investimentos também passaram por uma queda significativa, uma vez que o IDE aplicado no país, entre os anos de 2010 e 2014, subiu abaixo em comparação aos anos antecedentes ao mundial.

Ainda dentro do campo econômico, especialmente no interior da África do Sul, é importante observarmos o potencial crescimento em torno do consumo e da oferta de empregos. O aumento no consumo durante a realização da Copa do Mundo, a partir do estudo de Eddie Cottle, acontece majoritariamente por conta da população sul-africana, que participou em 60% na geração destas novas receitas (COTTLE, 2011). Porém, também devemos levar em conta que, como a FIFA e os grandes parceiros retêm a maior parte dos lucros das vendas de ingressos e produtos relacionados ao torneio, Cottle aponta

que o país perdeu dinheiro a circular na economia interna. Para o mercado de trabalho, a realização de todas as obras necessárias para sediar o evento ocasionaram, de fato, um grande aumento na procura por mão-de-obra, o que por sua vez gerou mais de 111 mil novos postos de trabalho para a população sul-africana, atingindo os maiores índices de emprego no país. No entanto, este número, nos anos subsequentes, tende novamente a apresentar queda, pois assim que os estádios e projetos de infraestrutura estavam finalizados, estes trabalhadores perderam seus postos (COTTLE, 2011), com a taxa de desemprego atingindo níveis até superiores aos observados nos anos após o fim do apartheid.

Vê-se então que houve crescimento econômico do país tendo em conta a Copa do Mundo de 2010, mas este foi abaixo das taxas esperadas inicialmente pela organização do megaevento. Se esperava um crescimento próximo à 3%, porém o atingido, de acordo com os resultados, variou entre 0,2% e 0,6%. Novamente, as maiores taxas de crescimento ocorreram nos anos anteriores à realização do mundial. Camila Brustolin, ao analisar estes impactos econômicos da realização da Copa do Mundo de 2010, aponta que:

“O torneio abriu espaço para o reaparecimento dos desafios socioeconômicos aos quais o país está submetido há séculos principalmente em função das barbáries estabelecidas pelo regime de segregação racial. A problemática a ser considerada, portanto, diz respeito às precariedades que se autoperpetuam e para as quais o torneio de futebol com certeza não representou uma contribuição. (BRUSTOLIN, p74 e 75, 2014)”

A observação levantada acima se conecta também com o sentimento popular, uma vez que dentro da África do Sul, o “entusiasmo se transformou em decepção nos meses que se seguiram ao evento” (MARCHI, p 719, 2014). Nestes anos após a realização da Copa do Mundo, surgiram diversos questionamentos às promessas que foram realizadas durante a campanha, especialmente focando nos pontos referentes ao desenvolvimento social e econômico, áreas que apresentaram crescimento abaixo das expectativas e propagandas, tanto da FIFA quanto do governo sul-africano. Na visão de diversos autores, para a população do país, a Copa do Mundo de 2010 representou um mês de um caro festival, onde o povo pagou pela realização do torneio, porém os lucros se direcionaram para a instituição internacional do futebol, sem repercutir na região (MARCHI JUNIOR, 2014).

Dentro das políticas de desenvolvimento interno do país, é possível observar que, por mais que tenham apresentado crescimento econômico nos anos anteriores e durante a

realização do evento, os anos subsequentes não apresentaram os resultados esperados para a população sul-africana.

No que tange aos objetivos da política externa sul-africana, a realização do campeonato de futebol beneficiou a imagem do país frente ao globo, fortalecendo o olhar sobre uma África do Sul mais moderna, em decorrência da estrutura mobilizada para o megaevento e uma redução na imagem negativa ligada ao regime segregacionista.

A ideia de modernização da África do Sul compõe um fator importante para os objetivos sul-africanos, mostrando ao mundo a capacidade do país e do continente de realizar eventos de grande porte com altíssimo grau de excelência e deixando claro o potencial de desenvolvimento econômico da região. Durante a realização da Copa do Mundo, a mídia internacional exerceu um importante papel de transmitir as imagens associadas a urbanização do país, da população e do foco no desenvolvimento da região, fugindo da promoção tradicional em cima das paisagens naturais. Para um país emergente e tão prejudicado pela visão do passado, essa modificação passou a ser vista como um legado significativo para o Estado (KNOTT; 2014).

Ganhou espaço também uma nova imagem da África do Sul como um povo multiétnico. Para Brendon Knott, “a Copa do Mundo ofereceu a oportunidade para divulgar uma imagem positiva do país tanto interna como externamente” (KNOTT; p. 7, 2014) e exerceu influência sobre o olhar dos estrangeiros sobre a população sul-africana, através de um aumento no senso de orgulho nacional, coesão social, confiança e um sentimento de bem-estar coletivo (KNOTT, 2014).

A realização de campanhas como “*Fly the flag for South Africa*” foi direcionada especificamente para a população nacional e fortaleceram a promoção da imagem positiva do país para o exterior. No interior da África do Sul, o sentimento de coesão social ainda marca o país anos após o evento, como descrito pela jornalista sul-africana Sisonke Mlamba. Segundo ela, mesmo com as diversas dificuldades sofridas pelos sul-africanos após a realização do Mundial, por conta de as expectativas do evento não terem sido atingidas em sua totalidade, é inegável que ele trouxe maior união ao país, marcado anteriormente pela divisão racial (MLAMLA, 2022).

É notável a nova imagem adquirida pela África do Sul durante a Copa do Mundo. O secretário-geral da ONU em 2010, Ban Ki-moon apontou que o sucesso na realização megaevento esportivo reafirmava sua confiança na capacidade do continente em atrair e sustentar novos investimentos estrangeiros. Vale observar a construção de um novo relacionamento, antes e durante o evento, com os então países do BRIC: Brasil, Rússia, Índia e China. Esta visão foi transmitida pela mídia local, e foi explorada diversas vezes

pelo presidente Zuma. Seria ingenuidade afirmar que a África do Sul entra para os BRICS por decorrência das relações desenvolvidas durante a Copa do Mundo, porém a exposição e a realização de encontros em ambientes não tradicionais certamente favoreceram a nova posição do país e auxiliaram a construção de vínculos cooperativos não explorados de maneira profunda anteriormente. Durante a realização de uma visita à China ainda em 2010, Jacob Zuma utiliza-se da Copa do Mundo como demonstração da capacidade do país e do continente africano para “competir com os melhores do mundo” (ZUMA, 2010), visando fazer frente com os países desenvolvidos do Ocidente.

No decorrer deste capítulo, foi possível observar a importância dada aos esportes dentro da nova África do Sul, tornando-se parte de sua política externa na transmissão das ideias de desenvolvimento do continente como um todo. A utilização da retórica panafricanista e desenvolvimentista permeou toda a campanha para sediar o evento e esteve fortemente presente durante o período de preparação e realização do evento. Ao final, fica claro que as expectativas iniciais não foram completamente atingidas e os gastos exorbitantes não tiveram o retorno desejado. Sendo assim, não resta dúvida que os maiores beneficiados com o megaevento esportivo foram os patrocinadores, as grandes empresas envolvidas na realização do evento, e a FIFA, que obteve lucros recordes.

Porém, é importante pontuar, dentro das estratégias para a política externa, os ganhos obtidos pelo país, especialmente ao abordar a modificação de sua imagem frente ao sistema internacional, tanto no cerne da opinião pública como para as relações interestatais. A nova posição sul-africana foi de fato ampliada com a realização do evento, diminuindo a associação deste com a segregação racial do apartheid e proporcionando a realização de novos diálogos para a cooperação internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção do presente trabalho, foi possível observar a diferença nas diretrizes da política sul-africana em relação ao esporte, tanto durante o período do apartheid, como posteriormente, quando passou a ser utilizado em prol da afirmação de uma nova identidade nacional e do desenvolvimento das relações exteriores da África do Sul. Analisando mais a fundo a Copa do Mundo de 2010, é possível identificar como as atividades esportivas se tornaram relevantes dentro deste segundo momento da política externa sul-africana, conectando-se com as principais diretrizes dos governos pós apartheid de Nelson Mandela, Thabo Mbeki e Jacob Zuma.

A reemergência sul-africana no cenário internacional passava muito pela importância da modificação de sua imagem, afetada pelos anos de racismo institucionalizado. Uma mudança positiva neste âmbito era necessária para que a África do Sul pudesse reintegrar as grandes organizações internacionais e voltar a desenvolver relações de cooperação e integração com os países do continente e do Sul Global, além da retomada das relações com as grandes potências mundiais.

Para atingir estes novos objetivos e transmitir uma nova imagem à comunidade internacional, a África do Sul atuou por meio dos megaeventos esportivos, utilizando-se da diplomacia esportiva para reintegrar o sistema de maneira proativa. Diversos eventos foram sediados no país, como o Mundial de Rugby, que marca o início de uma nova era para o país, fora das amarras da segregação racial institucionalizada pelo apartheid. A Copa do Mundo de Futebol, então, passa a ser uma das prioridades no desenvolvimento da política externa sul-africana durante a primeira década do século XXI. A campanha sul-africana gira majoritariamente em torno dos benefícios que potencialmente serão obtidos pelo país, pelo continente e pelo seu respectivo povo, com a realização deste megaevento esportivo então inédito na África. O evento passou a ser visualizado e reproduzido pela África do Sul, pela UA e pela FIFA como uma das chaves na utilização do esporte para promoção da paz e do desenvolvimento socioeconômico da região.

Foram utilizadas diversas estratégias da diplomacia esportiva na promoção do evento, como a participação de jogadores de futebol africanos nas campanhas, transmitindo a ótica de envolvimento do continente como um todo no sucesso da realização da Copa do Mundo. Houve também a inclusão da disseminação dos pontos positivos a serem angariados com a construção do torneio pelo governo e pela ONG esportiva, somando estas influências aos ganhos projetados pelo país com o megaevento,

aproximaram a campanha com os objetivos de destaque para a África no cenário internacional da época.

A realização do mundial foi considerada um sucesso, apesar da desconfiança da mídia internacional com a escolha da sede. É muito importante, porém, o olhar crítico acerca deste sucesso todo que foi divulgado. Os gastos exorbitantes para a construção dos estádios e adaptação da infraestrutura do país não trouxeram os ganhos esperados para a África do Sul em termos de desenvolvimento econômico, com crescimento abaixo das projeções iniciais em áreas como turismo e IDE. Para a população sul-africana, a Copa do Mundo de 2010 acabou por não trazer as melhorias esperadas e vendidas pela organização.

Porém, como apontado no decorrer da redação, é válido observar o desenvolvimento da política externa do país no período de preparação para o evento e durante os jogos. A visão acerca da África do Sul se alterou no cenário internacional com a realização da Copa do Mundo, afastando as associações com o período do apartheid e dando uma nova imagem, mais colaborativa, solidária e modernizante do país no âmbito mundial.

Em termos de benefícios realmente diretos à população e ao Estado sul-africano, é possível observar que o desenvolvimento não supriu as expectativas esperadas. Grande parte dos lucros foi direcionado à FIFA e seus parceiros comerciais diretos, restando pouco para a África do Sul, que por sua vez investiu acima dos cálculos na construção da estrutura para o evento. Para a política externa, por sua vez, observou-se a formulação de uma nova imagem para o país, que abriu portas para novas negociações internacionais e a reaproximação do seu povo dentro da '*Rainbow Nation*', em detrimento do passado sombrio vivido durante o século anterior.

REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Igor Chagas. Futebol: O Esporte Como Ferramenta Política, seu Papel Diplomático e o Prestígio Internacional. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40288/000827664.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

BETTINE, Marco. FIFA, BRICS, and the Soft Power discourse: analysis of the World Cup in South Africa, Brazil, and Russia. In: Giglio, S.S., Proni, M.W. (eds) Football and Social Sciences in Brazil. Springer, Cham. Disponível em <https://doi.org/10.1007/978-3-030-84686-2_12>

BLACK, David; PEACOCK, Byron. Sport and Diplomacy, in: The Oxford handbook of modern diplomacy. Oxford: Oxford University Press, 2013. Pp 708-725. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/421056682/Sport-Diplomacy>>

BRANCO, Luís Bernardo Nunes Mexia Castelo. A política externa sul-africana: do Apartheid a Mandela. Lisboa: ISCTE-IUL, 2004. Tese de doutoramento. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10071/542>>

BRUSTOLIN, Camila. Os Impactos Econômicos de Megaeventos Esportivos: Um Estudo sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2010 na África do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109410/000935046.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

CORNELLISEN, Scarlet. Scripting the nation: sport, mega-events, foreign policy and state-building in post-apartheid South Africa. University of Stellenbosch: Sport in Society, 2008. Disponível em < DOI: 10.1080/17430430802019458 >

CASTRO, Andreia Soares. South Africa's Engagement in Sports Diplomacy: The Successful Hosting of the 2010 FIFA World Cup. Lisboa: The Hague Journal of Diplomacy, 2013. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Andreia->

Castro/publication/349637358_2014_FIFA_WORLD_CUP_AND_2016_OLYMPIC_GAMES_BRAZIL'S_STRATEGY_'TO_WIN_HEARTS_AND_MINDS'_THROUGH_SPORTS_AND_FOOTBALL/links/60391f51299bf1cc26f3f68a/2014-FIFA-WORLD-CUP-AND-2016-OLYMPIC-GAMES-BRAZILS-STRATEGY-TO-WIN-HEARTS-AND-MINDS-THROUGH-SPORTS-AND-FOOTBALL.pdf?origin=ResearchDetailAlternativeSimilarResearch&_rtd=eyJjb250ZW50SW50ZW50Ijoic2ltaWxhciJ9&_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicG9zaXRpb24iOiJwYWdlQ29udGVudCJ9fQ>

DA SILVA, Rodrigo Quintas. O Campeonato do Mundo de Futebol de 2010 na África do Sul: Uma análise política e econômica, in: Cadernos de Estudos Africanos. Lisboa: Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa, 2016. Pp123-142. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cea/2130>>

DOPCKE, Wolfgang. Uma nova política exterior depois do apartheid? - Reflexões sobre as relações regionais da África do Sul, 1974 - 1998. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 41, n. 1, p. 133-161, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/7wQxskTrr9nFdsSnnLmC4pt/?lang=pt#>>

DOWSE, Suzanne. Power Play: International Politics, Germany, South Africa and the FIFA World Cup. South African Foreign Policy and African Drivers Programme, 2011. Disponível em <https://www.files.ethz.ch/isn/145982/saia_sop_82_dowse_20110512.pdf>

HEERE, Bob; TRUNKOS, Judit. Sport Diplomacy: A Review of How Sports Can Be Used to Improve International Relationships, in: Case Studies in Sport Diplomacy. Virginia: West Virginia University, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Bob-Heere/publication/327680234_Sport_Diplomacy_A_Review_of_How_Sports_Can_be_Used_to_Improve_International_Relations/links/5c7d4c42299bf1268d390167/Sport-Diplomacy-A-Review-of-How-Sports-Can-be-Used-to-Improve-International-Relations.pdf?origin=publication_detail>

KOBIERECKI, Michal Marcin. Sport in International Relations. Expectations, Possibilities and Effects. Lodz: Interdisciplinary Political and Cultural Journal, 2013. Disponível em <<https://www.eusportdiplomacy.info/files/2-04-kobierecki.pdf>>

KNOTT, Brendon et al. The nation branding opportunities provided by a sport mega-event: South Africa and the 2010 FIFA World Cup. Journal of Destination Marketing & Management. 2015. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jdmm.2014.09.001>>

FONTELLA, Leandro Goya; DA ROSA, Taís Hemann; RICHTER, Daniela. Muito Além da Copa do Mundo de 2010: População Sul-Africana Negra vs Apartheid na África do Sul, in: *Disciplinarium Scientia*. Santa Maria: Universidade Franciscana, 2013. Pp 15-36

LARA, Eduardo Carreño. El deporte en el campo diplomático: el caso de la Copa Mundial de la FIFA Sudáfrica 2010. Bogotá: Instituto de Estudios Políticos. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/espo/n41/n41a09.pdf>>

LAVERTY, Alex. Sports Diplomacy and Apartheid South Africa. *The African File*, 2010. Disponível em <http://theafricanfile.com/politicshistory/sports-diplomacy-and-apartheid-south-africa>

LEPP, Andrew; GIBSON, Heather. Reimagining a nation: South Africa and the 2010 FIFA World Cup. Florida: *Journal of Sport & Tourism*, 2011. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1080/14775085.2011.635007>>

MACLEOD, Cristian Lee. South Africa's foreign policy consistencies and contradictions since 1994: A case study of soft power-soft disempowerment. Stellenbosch University, 2023. Disponível em <https://scholar.sun.ac.za/server/api/core/bitstreams/3dc6b2f7-0387-4220-9797-0e8de1588e24/content>

MARCHI JUNIOR, Wanderlei; et al. A copa do mundo Fifa na África do Sul/2010 – como foi a experiência e o que podemos aprender com ela? P. 711-733
UFRGS: Porto Alegre, 2014.

Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/37532/28923>

MLAMLA, Sisonke. How did hosting the 2010 World Cup benefit South Africa? Cape Times, 2022. Disponível em < <https://www.iol.co.za/capetimes/opinion/how-did-hosting-the-2010-world-cup-benefit-south-africa-9256299c-0464-4a47-9154-619d2cfe7516>>

MURRAY, Stuart. Moving beyond the ping-pong table: Sports diplomacy in the modern diplomatic. Public Diplomacy Magazine, 11-17, 2013. Disponível em: <<http://publicdiplomacymagazine.com/category/past-issues/issue-winter-2013/>>

NDLOVU, Sifiso Mxolisi. Sports as cultural diplomacy: the 2010 FIFA World Cup in South Africa's foreign policy. África do Sul: Soccer & Society, 2009. Disponível em < <https://doi.org/10.1080/14660970903331466>>

PAULINO, Luís Antônio. Megaeventos esportivos e diplomacia pública, in: Princípios n.127. UNESP, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115216/ISSN14157888-2013-127-24-29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

PENHA, Eli Alves. A Nova Política Externa Sul-Africana e suas Implicações para os Países Lusófonos da África Austral. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/download/49004/32749>>

REIS, Filipe de Figueiredo dos Santos; TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. A Copa do Mundo FIFA de 2010 como parte da política externa da África do Sul pós-apartheid. Belo Horizonte: Conjuntura Internacional, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/download/15287/13203/0>>

RIZZI, Kamilla Raquel; SCHUTZ, Nathaly Xavier. Política Externa da Nova África do Sul: Reinserção e Afirmação Regional, p.181-201. Austral: Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/austral/article/download/45173/30178>>

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Contexto Internacional, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cint/a/gh73bx3PJw7QjD7QGvv5QZB/?format=pdf&lang=pt>>

VIANA, Bruno Walber. O Reflexo das Relações Internacionais no Esporte. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/101485/000685601.pdf?sequence=1>>

ZUMA, Jacob. Africa: South Africa, the Continent and China in a Changing World Economy. Beijing: Renmin University, 2010. Disponível em <